

ÁREA TEMÁTICA 5 - ESORG - ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

**ESTUDOS ORGANIZACIONAIS NA PÓS-MODERNIDADE: UM ESTUDO
BIBLIOMÉTRICO NO NOVO MILÊNIO**

Resumo: Neste artigo buscamos entender qual tem sido o escopo da produção científica sobre organizações na pós-modernidade. Para tal, recorremos a um estudo quantitativo (bibliometria), recuperando artigos científicos indexados à base de dados Web of Science, no período entre 2000 e 2018. Após aplicarmos diversos filtros, chegamos a 432 trabalhos que foram analisados pelo software *VosViewer*. Entre outros pontos, expusemos a oscilação de produções sobre o tema no intervalo temporal, os principais periódicos, autores mais citados e as sugestões de estudos futuros levantadas por esses trabalhos. Concluímos que os estudos organizacionais na pós-modernidade continuam atraindo muita atenção da academia, posto que foi possível detectar nesse intervalo tempo, um crescimento no número de publicações sobre o tema, e, com isso, supomos que esse número tende a crescer, abarcando cada vez mais novos temas, o que indica a possibilidade de que os estudos sobre as organizações na pós-modernidade sejam ainda mais explorados no futuro.

Palavras-chave: Pós-modernismo; organizações; bibliometria; estudos organizacionais.

Abstract: In this article, we look forward to understand what is the scope of scientific production about organizational studies on postmodernity. In order to achieve it, we perform a quantitative study (bibliometry), retrieving scientific articles indexed in the Web of Science base, in the period between 2000 and 2018. After applying several filters, we arrived at 432 works that were analyzed by the *VosViewer* software. Among other points, we expose the oscillation of productions on the theme without a time interval, the main journals, the most cited authors and the suggestions for future studies raised by these papers. We concluded that organizational studies in postmodernity continue with a lot of attention from academia, since it was possible to detect a growth in the number of publications on the subject in this time frame, and, with this, we have assumed that this number tends to grow, encompassing more new themes, which indicates the possibility that the theme will be further explored in the future.

Keywords: Postmodernism; organizations; bibliometry; organizational studies.

1 INTRODUÇÃO

No final do século XVIII pôde-se observar novas formas de organização social, comunicação e transporte. Além disso, um processo de urbanização em massa ganhou força, reconfigurando a sociedade (REED, 1999). Concomitantemente a esse fenômeno, o chamado período de modernidade passou a transparecer. O modernismo nasceu como um movimento de separação do homem de sua dependência com o divino, marcado pelo iluminismo. A razão foi proclamada como o meio pelo qual o homem seria livre de pressupostos que regessem sua vida (COOPER; BURREL, 2006). O resultado desse fenômeno foi que a sociedade passou a se desvincular cada vez mais dos costumes e crenças que até então norteavam suas práticas (SILVEIRA, 2008). A racionalidade, enquanto meio pelo qual o homem faz uso da razão para entendimento de sua realidade passou a vigorar em meio a maioria das ciências. Nesse sentido, indivíduos e organizações passaram a se comportar mediante a ciência numa perspectiva positivista, isto é, valorizando a experimentação empírica (SILVEIRA, 2008).

Cooper e Burrel (2006) apontam que o modernismo apresenta duas versões: (1) o modernismo crítico, que tem como expoente Jürgen Habermas, cujo trabalho tem sido recuperar o espírito do racionalismo iluminista por intermédio do discurso. Nas palavras desses autores, “para Habermas, o discurso do mundo da vida comum é a base do seu modernismo crítico, e é por meio da ‘linguagem da comunidade’ que podemos reencontrar o sentido do iluminismo, hoje perdido, que Kant primeiramente nos revelou” (p. 91); (2) já o modernismo sistêmico sugere uma instrumentalização da razão, cunhada por Saint-Simon e Comte. Nessa perspectiva, a racionalidade se baseia na teoria como forma de conduzir ações à resultados prediletos, considerando-se variadas alternativas concorrentes, num contexto de transformação social que busca larga escala na produção industrial, caracterizando as organizações como subsistemas que colocam em prática a racionalidade funcional.

Desde o final da década de 1970, as ciências sociais, incluindo os estudos organizacionais, têm sido influenciados por diversas perspectivas teóricas que exigem reflexividade para a constituição da própria “teoria”, além dos aspectos institucionais, sociais e políticos de tal constituição. O pós-modernismo tem sido usado para identificar muitas dessas perspectivas, pois elas parecem compartilhar algumas características, e dentre elas, a preocupação com a linguagem e a representação e uma reconsideração da subjetividade e do poder (CALAS; SMIRCICH, 1999).

O pós-modernismo, então, é entendido como um movimento sócio histórico que divide as opiniões de diversos autores (ALVESSON, DEETZ, 1999; CALAS; SMIRCICH, 1999b), que de um lado apontam para um rompimento com o modernismo, e de outro, sugerem que na verdade há uma continuidade do modernismo. Conforme aponta Souza (2012), a maioria dos teóricos organizacionais que têm se debruçado sobre esse tema têm apresentado equívocos que dificultam as análises organizacionais, quer seja do ponto de vista teórico-metodológico, quer seja do ponto de vista empírico.

1.1 Questão de pesquisa e objetivo

Ao considerarmos como objeto de estudo a pós-modernidade e como unidade de análise os estudos publicados sobre as organizações nesse período sócio histórico, pergunta-se: “Qual tem sido o escopo da produção científica sobre as organizações na pós-modernidade no novo milênio?”. De modo a responder tal questionamento, estabelecemos o seguinte objetivo: analisar o escopo das

publicações realizadas sobre as organizações na pós-modernidade entre os anos de 2000 e 2018.

1.2 Justificativa

O presente estudo se suporta na afirmação de Calás e Smircich (1999) que, ao citarem autores como Umberto Eco, Eduard Kaplan, Vicent Leitch e Martin Parker, consideraram que o pós-modernismo estaria esgotado no final do século XX, principalmente em decorrência de suas limitações, com destaque para a falta de engajamento político e afastamento da realidade. Nesse sentido, consideramos pertinente analisar se o esgotamento do tema realmente ocorreu, ou se as produções ainda perduram neste início de século.

1.3 Estrutura do trabalho

O presente trabalho foi estruturado da seguinte forma: (1) introdução, onde contextualizamos o tema, apresentamos o problema de pesquisa e a justificativa do estudo; (2) referencial teórico, em que buscamos elucidar o leitor sobre aspectos considerados relevantes para a compreensão da pesquisa; (3) metodologia, onde demonstramos os delineamentos pelos quais o estudo foi realizado; (4) resultados e discussões, em que analisamos os dados obtidos e discutimos sob à luz da literatura pertinente; e, finalmente, (5) conclusões, onde retomamos o problema de pesquisa, apontamos as limitações do trabalho e sugerimos uma agenda de pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção tem por objetivo aclarar o leitor sobre aspectos conceituais e históricos considerados como necessários para o entendimento do estudo.

2.1 Desenvolvimento do modernismo: fundamentos conceituais e históricos

Em meados dos séculos XVIII e XIX, o capitalismo industrial se firmou como sistema econômico soberano e a sociedade então, passou cada vez mais a buscar a (e pautar-se na) industrialização (REED, 1999). Em virtude desse fato, a racionalidade passou a determinar a forma pela qual a sociedade encararia a si e ao mundo. A racionalidade era decorrente de um movimento de abandono das antigas práticas pautadas em crenças, introduzindo com isso, lógica às ações humanas, e, conseqüentemente, às práticas organizacionais (SILVEIRA, 2008).

Já no início do século XX surge a Administração como disciplina, assumindo essa premissa de que princípios científicos deveriam ser aplicados às práticas organizacionais. Mattos (2009) sugere que a “administração enquanto ciência” evoca significado relacionado à racionalização das práticas administrativas, muito em função do positivismo que reinou por mais de dois séculos, propondo que a ciência empírica deveria ser amparada pela experimentação racional.

As teorias administrativas que abrolhavam nesse início de século continham em si um caráter prescritivo. Os princípios científicos foram considerados necessários para o funcionamento efetivo e eficiente da ordem social, fundamentada em autoridade racional-legal (KALLINIKOS, 2004). A Administração Científica de Frederick Taylor e a Administração Clássica de Henri Fayol são exemplos de como os mecanismos de controle racionais se enraizavam na Administração (REED, 1999; SILVEIRA, 2008; HATCH, 2011).

Mais tarde, em meados dos anos 30, a Escola das Relações Humanas emergiu como uma forma de contraponto às teorias existentes, colocando o sujeito no centro das discussões (REED, 1999). Essas perspectivas foram levadas em consideração

na Teoria de Sistemas, que trouxe uma visão sociotécnica às análises organizacionais, além de expandi-la ao introduzir o ambiente como elemento de influência nas organizações (PRESTES MOTTA, 1971). Como forma de conciliar essas abordagens, mas sem perder seu valor próprio, a Teoria da Contingência nasceu em meados das décadas de 1950 e 1960 propondo uma forma de teorização que decorre de estudos empíricos (prática organizacional). Donaldson (1999) sugere que a Teoria da Contingência explicava como as organizações transpunham inadequações com contingências ambientais, reformulando suas estruturas.

Embora a partir dessas teorias o ambiente tenha ganhado destaque, ele ainda se mantinha como um elemento estático. Dessa forma, as organizações agiam de maneira reativa aos estímulos ambientais (DONALDSON, 1999). Essas teorias, embora significativas para os estudos organizacionais (sobretudo por sua permanência até os dias de hoje) não explicavam – principalmente por considerarem o ambiente como elemento de influência parcial nas estruturas organizacionais –, porém, “por que existem tantos tipos de organizações?” (HANNAN; FREEMAN, 2005, p. 75). Assim, a Ecologia Populacional surgiu assumindo que as organizações “nascem” e “morrem” em função da sua capacidade de adaptação ao processo de seleção do ambiente onde atuam. Nesse sentido, o ambiente que, como supracitado, era tido como estático, passa a ter mais participação na estruturação das organizações, selecionando-as a partir das formas organizacionais mais adequadas a ele.

Esse caráter competitivo intrínseco à perspectiva ecológica, contudo, pode, na verdade, ser entendido de outra maneira. À medida em que as organizações passam a apresentar características similares às do ambiente, elas adquirem similaridades entre si. As populações de organizações adquirem certa homogeneidade estrutural, e então, passam a constituir um campo organizacional (DIMAGGIO; POWELL, 2005). O campo organizacional pode ser entendido como uma unidade entre organizações que buscam simetria de funcionamento e estrutura para sobreviverem ao ambiente. Essas similaridades decorrem do isomorfismo estrutural (HANNANAN; FREEMAN, 2005; MACHADO-DA-SILVA; GUARIDO FILHO; ROSSONI, 2006).

2.2 Desenvolvimento do pós-modernismo e seus desdobramentos

Apesar das diferenças entre as várias correntes teóricas modernistas citadas acima, Cooper e Burrell (2006) mostram que todas compartilham a visão de mundo como algo lógico, cujo significado advém da razão. Entretanto, Lyotard (1986) destaca que já na década de 50, era possível perceber mudanças na ciência e na academia, com destaque para a crise da ciência e da verdade, ocasionada principalmente pelas transformações tecnológicas sobre o saber. Como mostra o autor, conceitos como razão, sujeito, totalidade, verdade e progresso, que foram os pilares do pensamento moderno, passaram a ser questionados. No entanto, os estudos organizacionais só passaram a enfatizar o pós-modernismo a partir da década de 80, sendo destacados o estudo de Smircich e Calás publicado em 1987 e o de Cooper e Burrell publicado em 1988 (ALVESSON; DEETZ, 1999).

Calás e Smircich (1999a) destacam que com a disseminação de argumentos sobre a existência de múltiplas ontologias e paradigmas epistemológicos, como os apresentados por Astley e Van de Ven (2005) e Burrell e Morgan (1979), em adição ao interesse crescente por temáticas como cultura organizacional e simbolismo, o paradigma positivista-funcionalista, até então dominante, foi confrontado pelas perspectivas interpretativas e críticas. Assim, os estudos organizacionais, bem como as demais ciências sociais, foram direcionados às perspectivas vinculadas à

reflexividade, que, para Calás e Smircich (1999a), caracterizam as perspectivas pós-modernistas, as quais apresentam forte preocupação com a linguagem e representação, e reconsideram a subjetividade e o poder. Sobre isso, Vieira e Caldas (2006) mostram que para os estudiosos pós-modernistas a racionalidade é mais difusa do que o Iluminismo supunha, e o conhecimento só pode ser entendido quando considerado o contexto histórico e social

De acordo com Alvesson e Deetz (1999), apesar das diferentes versões e utilizações do termo “pós-moderno”, certas perspectivas se apresentam de maneira interconectada entre estas múltiplas visões, são elas: a centralidade do discurso, sendo destacado o poder constitutivo da linguagem, em que o discurso produz os objetos; identidades fragmentadas, em que a subjetividade é tida como um processo e a visão essencialista das pessoas é substituída pela produção discursiva do indivíduo; a crítica da filosofia da presença e representação, ao passo que as incertezas relacionadas a linguagem passam a ter primazia sobre a própria linguagem, de modo a refletir a realidade e transmitir significado; a perda do poder das grandes narrativas, sendo priorizado o enfoque nas múltiplas vozes e políticas locais; a conexão poder/conhecimento, ao passo que ao ser tidos como inseparáveis, o conhecimento passa a ser visto como forma de poder, deixando assim de ser neutro; a hiper-realidade, isto é, a valoração da simulação em detrimento da realidade; e a busca por resistência e indeterminação, sendo a racionalidade, previsibilidade e ordem substituídas pelo jogo e ironia.

Para Calás e Smircich (1999a), o pós-modernismo apresenta como principais limitações a falta de engajamento político e certo distanciamento do mundo real. Como mostram Astley e Van de Ven (2005), Reed (1999) e Hatch (2011), as teorias surgem de forma a mitigar as limitações ocorrentes nas perspectivas até então vigentes, com o intuito de atender as demandas da sociedade, frente ao contexto vivenciado por ela. Nesse aspecto, Calás e Smircich (1999b) destacam o surgimento de abordagens provocadas pelo pós-modernismo, sobre as quais ressaltam a teoria feminista pós-estruturalista, análises pós-colonialistas, Teoria Ator-Rede (TAR) e análise desconstrutiva de discursos e narrativas sobre conhecimento.

Sobre a teoria feminista pós-modernista, Calvert e Ramsey (1992), pelo estudo *Bringing Women's Voice to Research on Women in Management: A Feminist Perspective*, buscaram propor uma abordagem que tomasse como ponto de partida as perspectivas e experiências das mulheres, que segundo eles, poderiam fornecer novas suposições sobre organizações, suas estruturas e funções. As autoras destacam que o pós-modernismo é compatível com o pensamento feminista, ao considerar que ambos buscam desafiar suposições, teorias e metodologias dominantes. Ressaltam ainda que o pensamento pós-moderno possibilitou aos feministas o reconhecimento de que a maior parte do que é tido como feminino e masculino é na verdade socialmente construído. Em outras palavras, é necessário se entender gênero de maneira mais ampla, sendo incluídos aspectos como relações sociais, símbolos, discursos e relações de poder (CAPPELLE et al., 2004).

Ao tratar especificamente da teoria pós-colonialista, Young (2016) define pós-colonial como o marco dos fatos históricos da descolonização e conquista da soberania, assim como das realidades emergentes de um novo contexto imperialista de dominação econômica e até mesmo política. Tendo em vista tal contexto, o autor aponta como enfoque da pós-colonialidade, as condições econômicas, materiais e culturais, às quais as nações pós-coloniais são submetidas, que acabam por intensificar um sistema global voltado aos interesses do capital internacional e das nações mais influentes. Alcadipani e Rosa (2010) afirmam que o pensamento pós-

colonial visa, primordialmente, gerar reflexões acerca dos impactos advindos da colonização em culturas e sociedades.

Ao abordar a Teoria Ator-Rede, Latour (2012) enfatiza que esta abordagem só recebeu atenção devido ao advento do pós-modernismo, que confrontou a promoção de uma ciência desacreditada, assim como uma política embasada na ciência. Para ele, a TAR ganha destaque ao se mostrar como uma resposta à necessidade de conexões pelo “Ocidente” com o restante do mundo, a fim de garantir sua sobrevivência futura frente a uma realidade cada vez mais competitiva, marcada pela tecnologia. De acordo com o autor, é a rede entre humanos e não-humanos que constitui o coletivo, ao passo que actantes não-humanos também geram impactos no mundo. Sobre isso, Law (2006) esclarece que a TAR não desconsidera as peculiaridades humanas no que tange ao corpo e a vida interna, mas defende que os atributos convencionalmente tidos como humanos só se realizam através das relações entre humanos e não-humanos.

Finalmente, sobre a análise desconstrutiva de discursos e narrativas sobre conhecimento, Kilduff (1993) afirma que esta tem por intuito enfraquecer ideias como a objetividade do argumento e o progresso da ciência, não no sentido de evitar a ciência, abolir a verdade, a lógica ou a filosofia, mas sim para questionar como estes conceitos são dispostos no texto, excluir certas categorias de pensamento e comunicação, assim como, integrar nos debates questões complexas até então suprimidas ou desconsideradas. Para Derrida (1967) toda palavra, predicado, conceito e significação pode passar pela desconstrução. Frente a isso, Lengler, Vieira e Fachin (2002) apontam a desconstrução como uma forma de explicitação de relações entre poder, ideologia, historicismo e dominação, com o intuito de expor a visão dos oprimidos. No entanto, Kilduff (1993) ressalta que a linguagem apresenta significados que não podem ser controlados pelo escritor, de modo que este acaba por replicar aspectos criticados por si próprio. Tendo isto em vista, a autora defende que as desconstruções apresentam ambiguidade, sendo marcadas tanto por exaltações quanto condenações feitas pelo escritor ao próprio texto.

3 METODOLOGIA

O objetivo do presente estudo foi verificar o escopo das publicações realizadas sobre as organizações na pós-modernidade entre os anos de 2000 e 2018. Para tal fim, abordamos o problema de pesquisa de maneira quantitativa, considerando possível representar a realidade numericamente (MARKONI; LAKATOS, 2010) no período proposto. Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010) realizada com documentos tratados cientificamente, tais como artigos, o que configura uma pesquisa bibliográfica (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010). Sobre as técnicas de coleta e análise dos dados, optou-se pelo uso da bibliometria, uma vez que esta, possibilita a sistematização de pesquisas já publicadas, a fim de se endereçar os problemas ainda não solucionados a pesquisas futuras (CHUEKE; AMATUCCI, 2015). A fim de trazer maior transparência ao presente estudo, estabelecemos um protocolo de atividades (QUADRO 1) que foram seguidas para o desenvolvimento do trabalho.

Quadro 1: Protocolo de operacionalização do trabalho

FASE	PROCESSO	DESCRIÇÃO
(1) Criação do banco de dados	(1) Delimitação do tema	1.1 Leitura prévia da literatura científica 1.2 Proposta primária de problema de pesquisa 1.3 Leitura aprofundada da literatura científica 1.4 Reformulação do problema de pesquisa

		2.1 Escolha da base de dados
		2.2 Proposta de descritores para a busca com base na literatura científica
	(2) Seleção e organização dos dados	2.3 Busca preliminar para confirmação de descritores
		2.4 Busca final para composição do conjunto de textos
		2.5 Etapas de filtragem
		2.6 <i>Download</i> dos dados para uso em software de planilha eletrônica
		2.7 <i>Download</i> dos dados para uso no software <i>VosViewr</i>
		2.1 Análise do volume de publicações
		2.2 Análise dos países em que os estudos são oriundos
	(1) Análise, discussões e interpretações	2.3 Análise dos principais veículos de publicação
(2) Análise dos dados		2.4 Análise dos artigos mais citados
		2.5 Análise dos termos mais recorrentes
		2.6 Análise dos autores mais citados
		2.7 Matriz da agenda de pesquisa para estudos futuros
(3) Apresentação dos dados	(1) Elaboração do texto final	3.1 Escrita prévia do artigo
		3.2 Correção ortográfica e gramatical
		3.3 Escrita final do artigo

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

3.1 Estratégias de busca, base de dados e descritores utilizados

Os textos que compuseram a unidade de análise do presente estudo foram recuperados da principal coleção da base de dados Web Of Science (WoS), posto que essa base permite o acesso a mais de 12.0000 periódicos. Os resultados foram obtidos restringindo apenas artigos publicados entre 2000 e 2018, em decorrência do que fora justificado, tendo por suporte Calas e Smircich (1999b).

Aos descritores foram somados os operadores booleanos “AND” e “OR” (o primeiro com vistas a restringir os dados à estudos realizados em organizações, e o segundo com o objetivo de abranger textos com termos aproximados) para formar o algoritmo de busca (QUADRO 1).

Quadro 2: Algoritmo de busca

$$TS=(postmodern* OR pos_modern*) AND TS=(organi?a*)$$

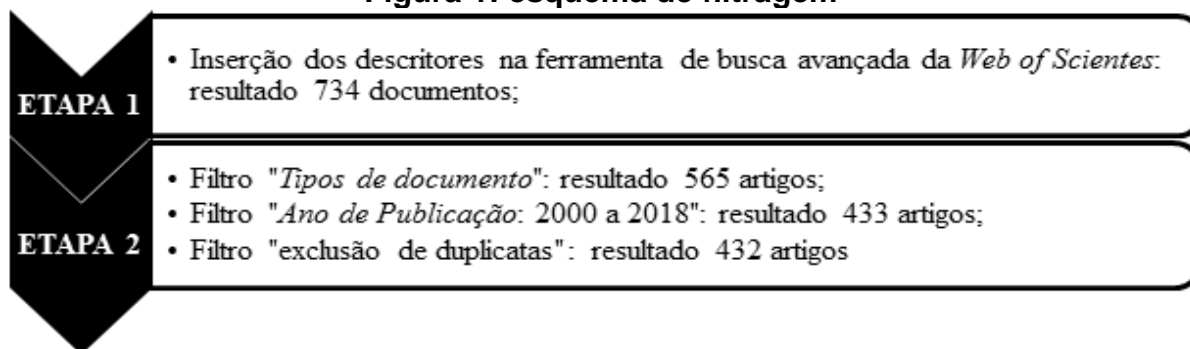
Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Os descritores e suas possíveis variantes, decorrentes de mudanças de sufixos ou letras específicas, foram buscados nos tópicos dos documentos, isto é, títulos, resumos e palavras-chave.

3.2 Etapas de filtragem, conjunto final de textos e ferramentas de análise

Após a inserção do algoritmo de busca no sistema de busca avançada da WoS, obtivemos o retorno de 734 documentos, incluindo artigos, resenhas, livros, dentre outros. O primeiro filtro foi “Tipos de documento”, em que delimitamos apenas para a categoria “artigos”, e obtivemos o resultado de 565. Em seguida, delimitamos o período em “Anos de publicação” entre 2000 e 2018 e tivemos o retorno de 433 artigos. Por fim, observamos que houve um artigo duplicado, sendo necessário a exclusão deste do conjunto final, resultando em 432 artigos. A Figura 1, abaixo representa o processo de filtragem.

Figura 1: esquema de filtragem



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

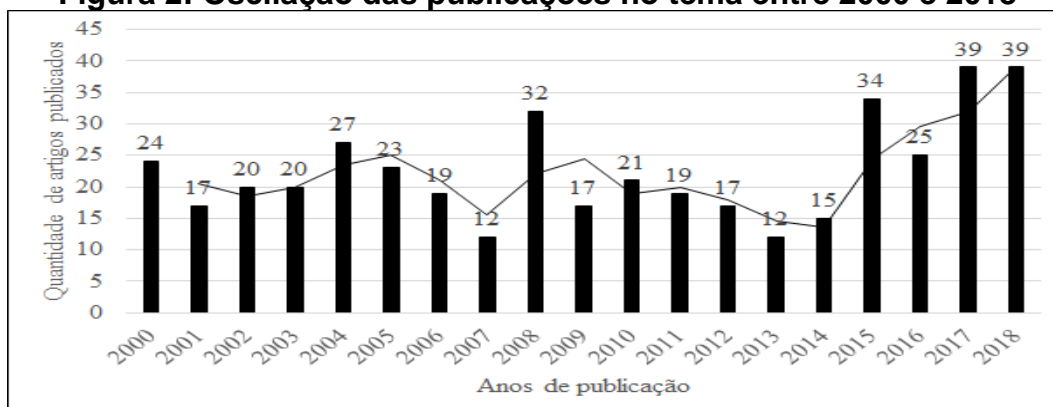
A busca dos textos, o processo de filtragem e a obtenção dos dados ocorreram entre dois e cinco de junho de 2019. Após a recuperação dos textos, foi realizado o *download* dos dados da plataforma, e com o auxílio do software de planilha eletrônica, estes dados foram estruturados e parte das análises foi realizada. Para as demais análises, foi utilizado o software *VosViewer*.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na presente seção apresentamos os resultados da pesquisa e realizamos algumas considerações. Salienciamos que não podemos afirmar que estamos cobrindo toda a literatura científica sobre o tema, uma vez que há documentos publicados em veículos de publicação não indexados à WoS. Contudo, em vez de conjecturarmos sobre a possibilidade de inclusão de outros artigos, dedicamo-nos a analisar os dados encontrados, tendo em vista sua representatividade quantitativa em relação à literatura científica sobre o tema.

Os dados revelam que no período proposto, houve uma inconstância no número de publicações (FIGURA 2). A partir de 2017, porém, parece haver um início de regularidade nas publicações, o que pode indicar um movimento positivo nos próximos anos. Caso se confirme, isso poderia ser interpretado como um sinal de que o tema tem recebido a atenção dos pesquisadores, mesmo se considerarmos os anos mais recentes. Os estudos organizacionais podem se valer de análises da pós-modernidade, por ser um período de fragmentação social (BAUMAN, 1998), o que, embora dificulte as análises, gera um campo amplo e rico para atuação. Os anos de 2007 e 2013 apresentaram 12 artigos cada, sendo estes, os anos de menor intensidade nas publicações.

Figura 2: Oscilação das publicações no tema entre 2000 e 2018



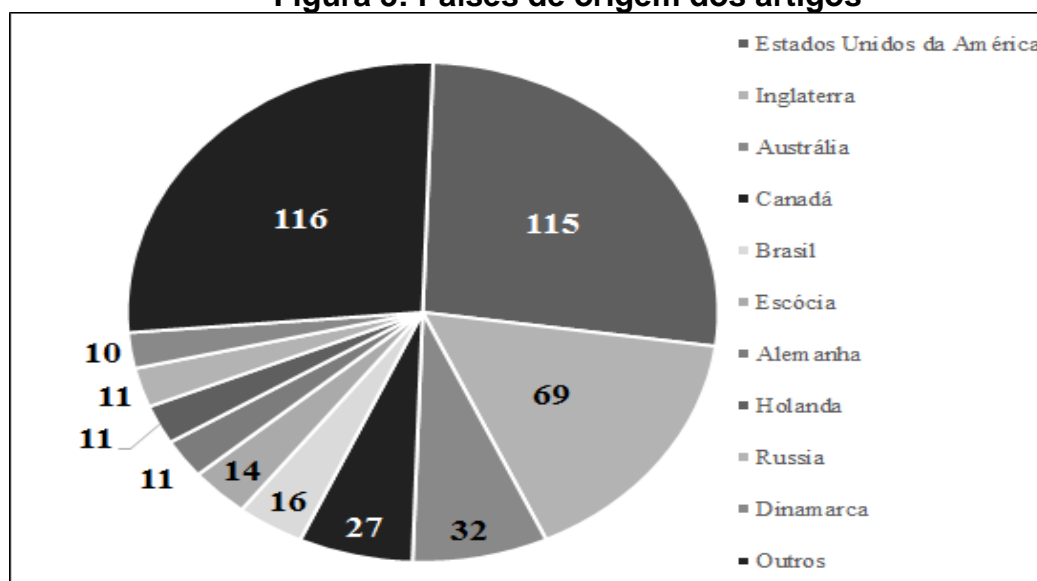
Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

O ano de 2018 apresentou 39 artigos, assim como no ano imediatamente anterior. Analisando as colunas e a linha de tendência, podemos conjecturar que há um movimento ascendente no número de publicações a partir de 2014, e que nos próximos anos, esse número ainda pode aumentar. Esse movimento sugere o interesse por parte da academia sobre as mudanças tecnológicas e nas comunicações que fragmentam as relações sociais, desestruturando o convívio, e nos levando à “modernidade líquida”, proposta por Bauman (1998).

Os estudos são oriundos de diversos países (FIGURA 3), o que demonstra o interesse dos pesquisadores sobre o tema em diversas localidades. Contudo, como se nota, a hegemonia estadunidense se confirma nas publicações sobre as organizações na pós-modernidade. Mais de 25% dos artigos recuperados são oriundos daquele país. Barros e Carrieri (2015) reconhecem que os estudos de origem anglo-saxônica são notadamente valorizados por países periféricos, o que configura um processo de replicação constante.

Corroborando com os autores supracitados, os dados mostram que Estados Unidos, Inglaterra, Austrália e Canadá juntos, somam mais da metade das publicações estudadas. O Brasil se posiciona em quinto, dentre os países representados, com cerca de 16 artigos publicados.

Figura 3: Países de origem dos artigos



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Há de se notar, porém, que muito provavelmente o Brasil capitaneia diversos outros estudos sobre as organizações na pós-modernidade, contudo, vários de nossos periódicos não são indexados à base de dados WoS, o que torna tais artigos confinados à pesquisa nacional. Na área de avaliação de Administração Pública e de Empresas, Contabilidade e Turismo, proposta pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) o fenômeno é ainda mais preocupante, como sugeriram Saes, Mello e Sandes-Guimarães (2017).

Dentre os veículos de publicação, 10 deles (TABELA 1) se destacaram por abarcarem juntos mais de 23% dos artigos. O periódico *Organization* apresentou 22 textos publicados sendo o veículo de publicação que mais publicou artigos no tema.

Tabela 1: principais veículos de publicação

VEÍCULOS DE PUBLICAÇÃO	N.	%	ISSN	FI (2017)
<i>Organization</i>	22	5,09	1350-5084	2.701
<i>Journal of Organizational Change Management</i>	18	4,17	0953-4814	1.185
<i>Organization Studies</i>	13	3,01	0170-8406	3.133
<i>Public Relations Review</i>	11	22,55	0363-8111	1.616
<i>Human Relations</i>	10	2,31	0018-7267	3.367
<i>Academy of Management Review</i>	6	1,39	1930-3807	10.632
<i>Journal of Management Inquiry</i>	6	1,39	1552-6542	1.793
<i>Journal of Business Ethics</i>	5	1,16	0167-4544	2.917
<i>Systems Research and Behavioral Science</i>	5	1,16	1092-7026	1.052
<i>Tomsk State University Journal</i>	5	1,16	1561-7793	-
SOMA PARCIAL	101	23,38		
ARTIGOS PUBLICADOS EM OUTROS PERIÓDICOS	331	76,62	FI MÉDIO	2.840
TOTAL DE ARTIGOS	432	100		

NOTA: A coluna "N." traz a quantidade de artigos publicados por cada periódicos; a coluna "%" traz o percentual respectivo; a coluna "FI (2017)" representa o Fator de Impacto dos periódicos na categoria *management*, sem autocitação.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Foram representados no total 290 veículos de publicação (considerando os dez apresentados na tabela anterior), sendo que três deles tiveram quatro publicações; sete apresentaram três publicações cada; vinte e oito periódicos veicularam dois artigos cada; e, finalmente, 242 veículos de publicação apresentaram apenas um artigo, cada.

Os principais artigos, segundo o número de citações recebidas são apresentados na Tabela 2, abaixo. O artigo *Beyond neopositivists, romantics, and localists: a reflexive approach to interviews in organizational research* recebeu 404 citações, e teve média de 23,76 citações por ano.

Tabela 2: Principais artigos, segundo o número de citações recebidas

TÍTULO	ANO	T. CIT.	M. CIT.
<i>Beyond neopositivists, romantics, and localists: A reflexive approach to interviews in organizational research</i>	2003	404	23,76
<i>Brand community of convenience products: new forms of customer empowerment - the case my Nutella The Community</i>	2006	305	21,79
<i>Peripheral vision</i>	2005	299	19,93
<i>The sublime object of entrepreneurship</i>	2005	183	12,2

<i>Situational analyses: Grounded theory mapping after the postmodern turn</i>	2003	172	10,12
<i>Theories of gender in organizations: A new approach to organizational analysis and change</i>	2000	166	8,3
<i>Reflecting on reflexivity: Reflexive textual practices in organization and management theory</i>	2008	160	13,33
<i>ISO 9000: Outside the iron cage</i>	2003	151	8,88
<i>Learning/becoming/organizing</i>	2005	143	9,53
<i>Ontology in organization and management studies: A critical realist perspective</i>	2005	141	9,4
SOMA DOS PRINCIPAIS ARTIGOS	-	2124	137,24

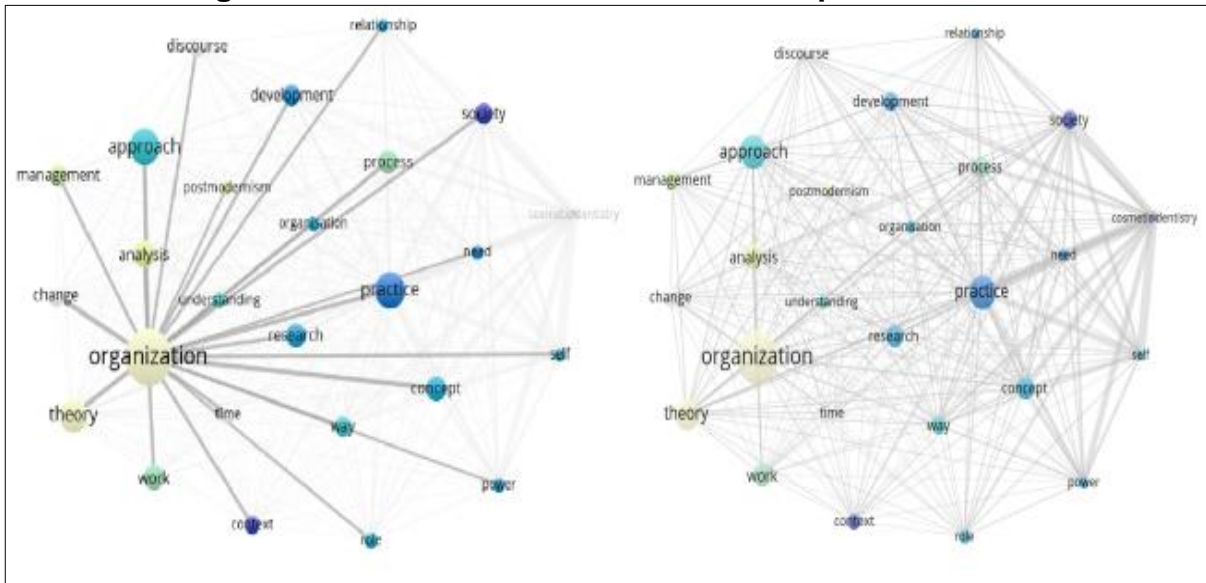
NOTA: A coluna "T. CIT" traz o total de citações de cada artigo até a data de realização da pesquisa; a coluna "M. CIT." traz a média de citações de cada artigo por ano.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Interessante observar que o artigo *Theories of gender in organizations: a new approach to organizational analysis and change* não se configura como o mais citado, mesmo sendo o mais antigo dentre todos os principais apresentados. Calás e Smircich (1999) sugeriram que dentre as abordagens que se destacam nos estudos na pós-modernidade, o gênero, mais especificamente, estudos feministas, compõem uma das correntes teóricas de maior importância.

Observamos também os termos mais utilizados pelos pesquisadores, de um total 11.354 palavras presentes nos títulos, resumos e palavras-chave de todos os artigos, 31 ocorreram pelo menos em 50 documentos diferentes. Desses 31 termos, optamos por não incluir *study* (262 ocorrências), *article* (238 ocorrências), *paper* (189 ocorrências), *analysis* (181 ocorrências), *author* (112 ocorrências) e *field* (90 ocorrências) por entendermos que tais palavras não contribuem para a proposta do presente estudo, restando assim, 25 termos (FIGURA 4), que configuram um amplo campo de temas que têm sido discutidos nos estudos organizacionais na pós-modernidade.

Figura 4: Rede de termos mais utilizados pelos autores

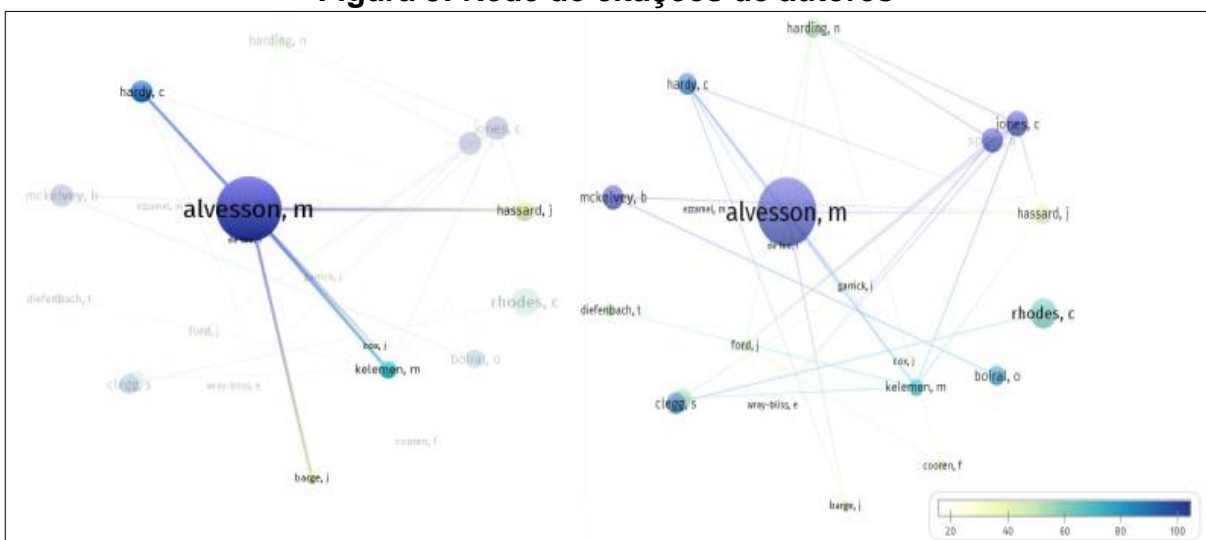


Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Como podemos perceber, 23 termos se ligam diretamente ao termo *organization* (386 ocorrências), o que pode sugerir que os estudos organizacionais na pós-modernidade (enquanto período sócio histórico) têm abarcado cada vez mais novos temas, como por exemplo estudos baseados na prática (PIMENTEL; NOGUEIRA, 2018), mudança organizacional (MARQUES; BORGES; REIS, 2016), papéis nas organizações (OLIVEIRA; FONTES FILHO, 2017), poder (KANAN, 2010), dentre outros.

Dentre os autores mais relevantes (FIGURA 4), optamos por apresentar apenas os que foram citados em três textos ou mais. Com isso, observamos que Mats Alvesson recebeu o maior número de citações (564 ocorrências). Esse autor é um dos maiores expoentes nas discussões sobre estudos organizacionais na pós-modernidade, sendo ele, muitas vezes, irônico em seus trabalhos ao discutir a sua própria relevância nos estudos organizacionais pós-modernos (LIMA, 2011).

Figura 5: Rede de citações de autores



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Curiosamente, embora Alvesson seja o mais citado, John Hassard foi o autor que mais esteve presente em textos diferentes. Acreditamos que esse fenômeno se deva ao posicionamento de Hassard e Julie Wolfram Cox sobre a possibilidade de reinterpretação à incomensurabilidade paradigmática proposta por Burrell e Morgan (1979), discutida sob uma perspectiva metateórica que vai além da tradicional visão sociológica de agência e estrutura (HASSARD; WOLFRAM COX, 2013).

A fim de construir uma agenda para estudos futuros atualizada, reunimos as propostas dos pesquisadores nos artigos mais citados em cada um dos últimos cinco anos. No Quadro 2 apresentamos as propostas identificadas em cada ano, seus respectivos autores, assim como o número de citações pelos trabalhos.

Quadro 3: Agenda para estudos futuros

ANO	CITAÇÕES	AUTORES	PROPOSTAS DE PESQUISAS FUTURAS
2014	59	PHILLIPS; PULEN; RHODES	Realizar estudos de gêneros nos estudos organizacionais, tendo em vista novas perspectivas e buscando mudanças no caráter do conhecimento que até então apresenta certa dominação do conhecimento masculino. Frente a isso, os autores sugerem a escrita bissexual como um possível meio para minimizar essa predominância do conhecimento masculino.
2015	9	KENNEDY; SOMMERFELDT	Utilizar das perspectivas pós-modernistas para entender as implicações das mídias sociais baseadas no poder e no discurso.
2016	89	PUTMAN; FAIRHURST; BANGHART	Apresentam três caminhos-chave para pesquisas futuras sobre contradições e paradoxos organizacionais: aguçar o foco no tempo, repensar as noções de racionalidade e explorar a interação entre ordem e desordem; os quais, mostram-se promissores para o avanço de uma lente constitutiva através da integração das dimensões desenvolvimentistas e sócio históricas do tempo, privilegiando as emoções e visões não-rationais das tensões, e adotando uma lógica da diferença que abrange ordem e desordem em processos paradoxais.
2017	12	BOIRAL; HENRI	Explorar as questões de comparabilidade da versão G4 da estrutura do relatório <i>Global Reporting Initiative</i> (GRI), lançada em maio de 2013. Explorar a suposição de que as mudanças introduzidas na nova versão podem ter melhorado a mensurabilidade e comparabilidade de determinados indicadores, com enfoque em relatórios GRI G4 do mesmo setor de atividade, mesmo nível de aplicação e abrangendo um período de 2 ou 3 anos.
2018	10	KLABBERS	Realizar estudos empíricos sobre ciência dos jogos, tendo em vista sua utilidade na capacitação dos jogadores, com ênfase na construção de conhecimento explícito e tácito sobre problemas bem e mal definidos.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Como se observa, a agenda de pesquisa para os próximos anos nos estudos organizacionais na pós-modernidade contempla temas que não receberam destaque

no último século, como aprendizagem e sustentabilidade, mas também, retomam temas já discutidos (como o gênero, por exemplo) trazendo uma nova abordagem ao contexto atual. Esses elementos, isto é, inclusão de novos temas e a retomada de temas já discutidos com uma nova roupagem, sugerem que a pós-modernidade ainda tem recebido atenção da academia, que busca articular esse campo de estudo, com vistas ao desenvolvimento dos estudos organizacionais.

5 CONCLUSÕES

No presente trabalho, buscamos responder à questão de pesquisa “qual tem sido o escopo da produção científica sobre as organizações na pós-modernidade no novo milênio?”. Com base nos dados, observamos que os estudos organizacionais na pós-modernidade ainda têm recebido a atenção da academia, o que configura uma nova realidade ao século XXI, apesar da afirmação de Calás e Smircich (1999b) acerca do tema no século XX. Nesse sentido, as abordagens dos estudos organizacionais são retomadas e reformuladas a fim de explicar o contexto social (REED, 1999; ASTLEY; VAN DE VEN, 2005; HATCH, 2011).

Dentre os anos de 2000 e 2018, vimos um crescimento no número de publicações sobre o tema, e, com isso, supomos que esse número tende a crescer, abarcando cada vez mais novos temas, como por exemplo estudos baseados na prática (PIMENTEL; NOGUEIRA, 2018), mudança organizacional (MARQUES; BORGES; REIS, 2016), papéis nas organizações (OLIVEIRA; FONTES FILHO, 2017), poder (KANAN, 2010), dentre outros, como pôde ser visto na rede de termos mais utilizados.

Esse ponto é reforçado quando analisamos as propostas de trabalhos futuros, em que os autores sugerem estudos sobre sustentabilidade e aprendizagem como temas que devem ser incluídos às discussões dos estudos organizacionais na pós-modernidade, além de remontarem à temas já tratados no século XX, tal que recebam novos aportes teóricos.

O presente estudo se limita por analisar quantitativamente artigos presentes em apenas uma base de dados. Sendo assim, como proposta de estudos futuros, sugerimos que novos trabalhos quantitativos sejam realizados incorporando-se outras bases de dados, eventos e documentos que não sejam apenas artigos científicos. Sugerimos, ainda, que uma análise qualitativa seja feita, a fim de se identificar como os estudos organizacionais na pós-modernidade têm sido aplicados. Abre-se também a possibilidade de analisar cada tema específico com maior afinco, como por exemplo o feminismo, dissecando esse ou outros temas através de revisões integrativas.

Por fim, observamos que o trabalho contribui teoricamente, ao mapear o campo do conhecimento acerca dos estudos organizacionais na pós-modernidade no novo milênio, ao evidenciar os autores mais citados, os temas mais recorrentes, bem como uma agenda de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALCADIPANI, R.; ROSA, A. R. O pesquisador como o outro: uma leitura pós-colonial do "Borat" Brasileiro. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 4, p. 371-382, 2010.
- ALVESSON, M.; DEETZ, S. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. (Orgs.) **Handbook de estudos organizacionais**, v. 1: Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1999.

ASTLEY, W. G.; VAN DE VEN, A. H. de. Debates e Perspectivas Centrais na Teoria das Organizações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 2, p. 70-91, 2005.

BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. **Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 2, p. 151-161, 2015.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979.

CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. Do ponto de vista da mulher: abordagens feministas em estudos organizacionais. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. (Orgs.). **Handbook de estudos organizacionais**, v. 1: Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1999a. p. 275-329.

CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. Past postmodernism? Reflections and tentative directions. **Academy of Management Review**, v. 24, n. 4, p. 649-71, 1999b.

CALVERT, L.; RAMSEY, J. V. Bringing women's voice to research on women in management: a feminist perspective. **Journal of Management Inquiry**, v. 1, p. 79-88, 1992.

CAPPELLE, M. C. A.; et al. Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero no espaço organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v. 3, n. 2, p. 1-17, 2004.

CHUEKE, G. V.; AMATUCCI, M. O que é bibliometria? Uma introdução ao Fórum. **Internext**, v. 10, n. 2, p. 1-5, 2015.

COOPER, R.; BURRELL, G. Modernismo, pós-modernismo e análise organizacional: uma introdução. **Revista de Administração de Empresas**, v.46, n.1, p.87-101, 2006.

DERRIDA, J. **Writing and difference**. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

DONALDSON, L. **Teoria da contingência estrutural**. In: S. CLEGG, C. HARDY e D. NORD, (Orgs.) Handbook de Estudos Organizacionais. Vol. 1. São Paulo: Atlas, 1999.

HASSARD, J.; WOLFRAM COX, J. Can sociological paradigms still inform organizational analysis? A Paradigm Model for Post-Paradigm Times. **Organization Studies**, v. 34, n. 11, p. 1701–1728, 2013.

HATCH, M. J. **Organizations: A very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2011. In: HILLMAN, A.; WITHERS, M.; COLLINS, B. Resource dependence theory: A review. *Journal of management*, v.35, n.6, p. 1404-1427, 2011.

KALLINIKOS, J. The social foundations of the bureaucratic order. **Organizations**, v. 11, n. 1, p. 13-36, 2004.

KANAN, L. A. Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 53, p. 243-257, 2010.

KAUARK, F. S; MANHÃES, F. C; MEDEIROS, C.H. **Metodologia da Pesquisa: um guia prático**. Itabuna, BA: Via Litterarum, 2010.

KILDUFF, M. Deconstructing Organizations. **The Academy of Management Review**, v. 18, n. 1, p. 13-31, 1993.

LATOUR, B. **Reagregando o Social**. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

LAW, J. Traduction / Trahison: Notes on ANT. **Convergencia**, v. 13, n. 42, p. 47-72, 2006.

LEGLER, J. F. B; VIEIRA, M. M. F.; FACHIN, R. C. Um exercício de desconstrução do conceito e da prática de segmentação de mercado inspirado em Woody Allen. **Revista de Administração de Empresas**, v. 42, n. 4, p. 84-93, 2002.

- LIMA, L. A. de. A representação das múltiplas dimensões paradigmáticas no estudo da administração: um ensaio sobre os limites contidos nas defesas paradigmáticas excludentes. **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n.2, p.198-208, 2011.
- LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- MARQUES, A. L.; BORGES, R.; REIS, I. C. Mudança organizacional e satisfação no trabalho: um estudo com servidores públicos do estado de Minas Gerais. **Revista de Administração Pública**, v. 50, n. 1, p. 41-58, 2016.
- MATTOS, P. L. C. L. “Administração é ciência ou arte?” O que podemos aprender com este mal-entendido? **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 3, p. 349-360, 2009.
- OLIVEIRA, C. B.; FONTES FILHO, J. R. Problemas de Agência no Setor Público: o papel dos intermediadores da relação entre Poder Central e Unidades Executoras. **Revista de Administração Pública**, v. 51, n. 4, p. 596-615, 2017.
- PIMENTEL, R.; NOGUEIRA, E. E. S. Estudos baseados na prática: possibilidades metodológicas para pesquisas em estudos organizacionais. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 86, p. 350-370, 2018.
- REED, M. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. In: S. CLEGG, C. HARDY; D. NORD, (Orgs.) **Handbook de Estudos Organizacionais**. Vol. 1. São Paulo: Atlas, 1999.
- SILVEIRA, V. N. S. Racionalidade e Organização: as múltiplas faces do enigma. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 4, p. 1107-1130, 2008.
- VIEIRA, M. M. F.; CALDAS, M. P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. 1, p. 59-70, 2006.
- YOUNG, R. J. C. **Postcolonialism: An Historical Introduction**, Anniversary Edition. John Wiley & Sons, Ltd. 2016, p. 57-69.